

## **PORQUEQUECHAVEARAMELALÍ? REFLEXÕES SOBRE O CONTEXTO PRODUTIVO EM MÍDIA-EDUCAÇÃO**

Rodrigo Duarte Ferrari

### **RESUMO**

Esse estudo é um relato de experiência e uma reflexão sobre o processo de produção e veiculação de um vídeo cujo tema é a utilização da bicicleta como meio de transporte. As bases teórico-metodológicas dessa pesquisa se fundamentam no campo da Mídia-Educação, da Antropologia Visual e da Mobilidade Urbana. Com esse trabalho buscamos contribuir com a construção de práticas em Mídia-Educação no campo profissional da Educação Física, assim como a promoção do uso da bicicleta como alternativa de Mobilidade Urbana e seus desdobramentos políticos e econômicos a partir de uma perspectiva social crítica.

Palavras chaves: Mídia-Educação. Mobilidade Urbana. Antropologia Visual.

### **ABSTRACT**

This study reports the experience and thoughts acquired during the process of producing a movie, regarding the use of bicycles as a means of transport. The theoretical and methodological components of this research are based on the fields of Media-Education, Visual Anthropology and Urban Mobility. During the investigations, the Media-Education within the field of Exercise Science was highly promoted. Moreover, the exploitation of cycling as an alternative form of urban mobility was vastly encouraged. In Summary, the study was conducted from a social perspective and its political and economic impacts on our society.

Key words: Media-Education. Urban Mobility. Visual Anthropology.

### **RESUMEN**

Este estudio es un relato de la experiencia y la reflexión sobre el proceso de producción y publicación de un vídeo acerca del uso de la bicicleta como medio de transporte. Los fundamentos teóricos y metodológicos de esta investigación se fundan en el ámbito de la Media Educación, Antropología Visual y la Movilidad Urbana. Con este trabajo tratamos de contribuir a la construcción de prácticas en Media Educación en el campo de especialización profesional de la Educación Física, así como la promoción del uso de la bicicleta como una opción para la movilidad urbana desde una perspectiva social crítica de la industria del automóvil y sus consecuencias políticas y económicas.

Palabras clave: Media Educación. Movilidad Urbana. Antropología Visual.

### **Introdução**

Esse estudo é um relato de experiência e uma reflexão sobre o processo de produção e veiculação de um vídeo intitulado PORQUEQUECHAVEARAMELALÍ? O tema é a mobilidade urbana, mais especificamente uma reflexão sobre a relação do

homem com o automóvel em contraste com a utilização da bicicleta como meio de transporte. O trabalho foi apresentado na disciplina Mídia e Educação Física (2008 / terceiro trimestre), ministrada pelo professor Dr. Giovani De Lorenzi Pires no curso de pós-graduação do Centro de Desportos (CDS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Um dos assuntos que mais esteve presente durante essa disciplina foram as transformações e possibilidades advindas dos avanços na área da Tecnologia da Informação (TI), especialmente sobre as possibilidades atuais de qualquer cidadão com acesso a internet se tornar um comunicador, ou seja, de produzir e socializar conhecimentos e informações. Silveira (2008) reflete sobre essas novas possibilidades democráticas na área da comunicação, evidenciando o contraste entre o *mass media*<sup>1</sup> e esse novo meio de interações comunicativas que está emergindo.

No cenário dominado pelo *mass media*, o capital controla o lado da emissão e os canais de transmissão. No cenário digital, da forma como a internet foi estruturada, o capital controla a infra estrutura de conexão, mas não controla os fluxos de informação, nem consegue determinar as audiências. (p. 34)

Aproveitamos essa brecha de atuação social e política, que emerge da internet e do “mundo digital”, e nos apropriamos do conhecimento técnico e conceitual necessários para produzir e veicular esse vídeo na internet. Partimos do princípio de que esse material se torne capaz de provocar reflexões sobre as questões simbólicas e culturais que permeiam o tema da mobilidade urbana. No campo teórico, tecemos nossas idéias a partir de pesquisas sobre Mídia-Educação, Antropologia Visual e Mobilidade Urbana. Especificamente: a) Na compreensão de mídia-educação: educar com, sobre e através dos meios de Pires (2002), Orofino (2005), Fantin (2006), Mendes (2008) e Bianchi (2009); b) Na utilização da linguagem audiovisual no campo da antropologia visual, como caminho para produzir e socializar conhecimentos científicos apresentados por Henley (1995); e c) Em textos críticos sobre mobilidade urbana, em especial o do filósofo Ivan Illich, Energia e Equidade em Ludd (2005) e o estudo etnográfico de uma viagem de bicicleta Ferrari (2007; 2008), que aponta caminhos para pensar a utilização da bicicleta como meio de transporte enquanto possibilidade de transformação cultural. Mídia-Educação e Mobilidade Urbana se misturam nesse texto, que procura apresentar possibilidades de transformar a rede de significados tecidos durante o século XX, onde as indústrias automobilísticas e midiáticas desempenharam papel determinante na consolidação da *Indústria Cultural* (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

O conceito sobre a Indústria Cultural está relacionado com o processo de banalização da cultura e também de sua difusão, através de sua mercadorização. Com isso, a produção da cultura vai se integrando ao modo de produção capitalista, assumindo a forma valor, sendo produzida para o consumo das massas. (PIRES; RIBEIRO, 2004, p. 2)

---

<sup>1</sup> *Mass Media* é um termo que pode ser traduzido por Meio de Comunicação de Massas, em que as informações são produzidas e veiculadas para a sociedade nos moldes tradicionais de um canal de televisão.

Nesse cenário dominado pelo capital, contraditoriamente materializou-se aquilo que chamamos de convergência digital, uma possibilidade de transformação das relações de produção, emissão e recepção de informações. Agora elas podem ser produzidas e reproduzidas em diferentes aparelhos eletrônicos cada vez mais compatíveis entre si, e distribuídas por computadores interligados à internet que conectam o mundo inteiro numa rede de relacionamentos com milhões de usuários. A linguagem audiovisual se manifesta como elemento central e aglutinador dessas novas formas de conviver e de se comunicar, por exemplo: com aparelhos celulares, câmeras fotográficas e filmadoras digitais é possível criar um canal de comunicação audiovisual com investimentos insignificantes, quando comparados com os de uma emissora de televisão. Outro aspecto apresentado por Loureiro (2007) é o sucesso de sites como o *Youtube*, que armazena milhões de vídeos caseiros.

Como reflete Wolton (2003) essa revolução tecnológica pode desencadear uma transformação cultural, ou aumentar a força das relações históricas estabelecidas entre comunicadores e receptores, pautadas pelo consumo e a *semi-formação*<sup>2</sup>. Isso pode ser ilustrado através da maior liberdade de escolha que a audiência possui atualmente, em contraste com os condicionamentos culturais e o poder simbólico exercido pela indústria midiática que ainda determinam a grande parte da audiência. Na prática a produção de informação ainda é dominada pelo *mass media*, pois geralmente as pessoas reproduzem o conteúdo produzido e veiculado pelos principais meios de comunicação de massa, como a televisão, os jornais e revistas, através de blogs, sites e emails, o que potencialmente aumenta o poder das grandes empresas desse mercado, que agora multiplicam suas informações com auxílio de qualquer receptor. Mesmo quando o cidadão comum produz vídeos, eles geralmente são pouco elaborados e quase nunca superam a linguagem cinematográfica do *videoclip* e do *slideshow*.

Enfim, para transformar uma cultura é preciso muito mais do que uma revolução tecnológica, sendo esse o foco desse trabalho, uma busca por alternativas que possam contribuir com a emancipação e o esclarecimento humano no “mundo digital”. Dessa forma questionamos: Quais elementos da experiência de produção e veiculação desse vídeo na internet podem contribuir com os campos da Educação, Comunicação e Educação Física, considerando como meta a construção de uma sociedade livre das atuais relações de poder simbólico que as indústrias midiáticas e automobilísticas ainda exercem?

Nesse terreno repleto de contradições e desafios, relatamos nossa experiência de produção midiática, partindo do princípio de que existe uma brecha de atuação crítica e pedagógica sem precedentes na recente história da mídia-educação, através do que já se configura no “mundo digital” e das possibilidades anunciadas para um futuro próximo. Nossa meta foi dividida com base nas três dimensões da mídia-educação citadas por Fantin (2006): a) Educar com a Mídia: Produzir material didático que pode ser utilizado por professores de Educação Física no ensino formal e informal; b) Educar para a mídia: Questionar a rede de significados tecidos pela indústria automobilística, evidenciando a dependência e as conseqüências de um modelo de mobilidade urbana individualista e insustentável; c) Educar através da Mídia: Descrever e refletir sobre esse processo de produção midiático a partir da perspectiva da convergência digital.

---

<sup>2</sup> Para Pires (2002), a *Bildung* no sentido germânico, representa a cultura, formação erudita, conhecimento da cultura geral, a cultura do sujeito. Para Adorno (1996), a *Halb-Bildung*, ou semicultura/semiformação, é a formação que despreza seus determinantes, sem auto-reflexão crítica. Por isso, ela é a possibilidade da Indústria Cultural existir. (PIRES; RIBEIRO, 2004, p. 4)

## Lendo o filme com os olhos dos autores

Utilizamos o abandono de uma bicicleta, desde março até novembro de 2008 no bicicletário da UFSC (CDS), como elemento principal para elaborar o roteiro do vídeo. Com as idéias organizadas, estabelecemos um cronograma, fizemos um orçamento e fomos a campo para pesquisar e gravar as imagens. Procuramos representar o descaso social e político sobre a utilização da bicicleta como meio de transporte através desse abandono, assim como os contrastes entre nossa dependência dos veículos motorizados e a autonomia da bicicleta como meio de transporte. Questionamos objetivamente os apelos explorados pela publicidade, principalmente as relações falsas do automóvel como signo de autonomia, independência, liberdade e *status social*. O argumento do vídeo foi construído principalmente através do estudo filosófico de Ivan Illich em Ludd (2005), que defende explicitamente a bicicleta como o meio de transporte mais eficiente que existe. Segundo o autor, há uma relação direta entre o consumo de energia e as desigualdades sociais, o “cálculo” é simples:

Diga-me a que velocidade te moves e te direi quem és. Se não podes contar mais do que com teus próprios pés para deslocar-te, és um excluído, porque desde meio século atrás, o veículo se converteu em símbolo de seleção social e em condição para a participação na vida nacional. (p. 52)

O filme está em permanente diálogo com o mundo vivido e a ficção, sem perder a seriedade e a pretensão científica com rigor, criatividade, humor e poesia. Nossa idéia foi montar uma história sobre o possível dono daquela bicicleta abandonada e os motivos que o levaram a escolher a bicicleta como meio de transporte. O vídeo começa com a seleção de uma série de entrevistas que foram realizadas com os estudantes e professores do CDS, sobre a presença daquela bicicleta e a identidade de seu dono. A concepção estética da cena destaca a bicicleta estática e abandonada em contraste com o fluxo de pessoas em alta velocidade, que expressam a idéia de pressa e a falta de interesse em relação a essa bicicleta, fazendo menção a todas as bicicletas do mundo. A cena termina com uma *performance* do ator que representou o possível dono daquela bicicleta, essa foi concebida como uma representação artística da relação do homem com a bicicleta. A captação e montagem desses primeiros minutos do vídeo foram muito ricos em relação ao nosso próprio processo de mídia-aprendizagem, através do exercício intelectual e técnico de alcançar aquilo que foi idealizado no roteiro e planejado para ser executado.

A importância dessa formação profissional encontra suporte na obra de Ferrés (2005), onde o autor explica que a linguagem audiovisual possui características próprias, portanto deve ser aprendida e exercitada pelos professores para que os mesmos possam estar em sintonia com as demandas comunicativas de nosso tempo. Para ele não basta apenas saber “ler”, mas também escrever com esses recursos que despertam reações e compreensões através da emoção antes de alcançar o entendimento racional: “Expressar-se audiovisualmente significaria, então, comunicar as intenções no mesmo instante em que as emoções são suscitadas (FERRÉS, 1996, p. 15)”. As dificuldades de colocar em prática esse conhecimento são enormes, principalmente na condição de professores pertencentes ao universo acadêmico e escolar, onde os métodos de ensino-aprendizagem são em sua grande maioria construídos de forma que proporcionem um

conhecimento racional direto.

O vídeo continua com uma cena que retrata um motorista ficando sem gasolina no meio da rua, essa situação representa a dependência dele em relação ao combustível, até que no auge da indignação do personagem ele decide vender seu carro e comprar uma bicicleta. Durante a caminhada do ator até o posto de gasolina, inserimos os áudios de outras entrevistas, de pessoas que foram questionadas sobre suas respectivas relações com o automóvel. Nessas falas fica nítida a transformação do carro numa necessidade moderna, um dos entrevistados disse: “*o carro não é prioridade, é uma necessidade!*” O poder simbólico também apareceu espontaneamente com a fala de uma mulher que relatou as preocupações de seu atual marido, na época em que eles eram apenas namorados: “*Ele falou que tinha gostado muito de mim, mas disse que não tinha carro e se isso era um problema (...)*” Assim como várias queixas que demonstram os problemas desse modelo de mobilidade urbana: “*Eu não esperava que Floripa tivesse esse trânsito; é pior do que Santos (...)*”.

A cena termina com uma sequencia na integra do ator abastecendo seu carro. Abastecer um automóvel é algo corriqueiro e ninguém mais percebe esse ato com estranhamento, simplesmente paramos no posto de gasolina, entregamos a chave para o frentista e no máximo reclamamos do preço abusivo do combustível. Poucos sabem que esse ato esconde interesses econômicos e políticos.

A indústria possui o monopólio da circulação quando a vida cotidiana passa a depender do deslocamento motorizado. (...) Por seu caráter dissimulado, seu entrincheiramento, seu poder para estruturar a sociedade, esse monopólio é radical: obriga a satisfazer de maneira industrial uma necessidade elementar até então satisfeita de forma pessoal (LUDD, 2005, p. 56).

Pedalar é demonstrar que existem alternativas. Isso foi representado no vídeo através de imagens do personagem pedalando pela cidade em câmera lenta ao som de uma música calma, elementos que contrastam com o *stress* e a poluição sonora das ruas de qualquer centro urbano. A idéia foi sugerir que a realidade houvesse se transformado em algo mais equilibrado e harmônico, representado pela cor branca e o efeito de dissolução do personagem e da paisagem que se misturam na tela. Em seguida retornamos para dentro do mesmo carro com outras duas personagens que o compraram. Paradas no trânsito, elas dialogam aflitas sobre a sensação de separação física, psicológica e emocional entre elas e a cidade: “*Eu me sinto como se estivesse numa bolha (...)*; problemas de congestionamento: “*Não temos para onde ir (...)*”; e o papel da publicidade e do cinema na construção simbólica vinculada à indústria automobilística: “*Como se não bastasse vamos chegar em casa, ligar a televisão e assistir aquelas propagandas incríveis de carros (...)*”. A última referencia é a influência da indústria cinematográfica estadunidense: “*(...) e depois assistir Velozes e Furiosos*”. Conforme explica Loureiro (2006), a Paramount, a Universal Pictures e a Warner Bros Corporation estiveram intimamente ligadas com a promoção do carro como modelo principal de mobilidade urbana durante o início do século passado.

Houve uma associação entre essas e outras grandes empresas financeiras, automobilística, setores de serviços, a indústria do cigarro etc., e em muitos casos os empresários eram proprietários que assumiam várias dessas atividades ao mesmo

tempo. (p. 146)

A última parte do filme começa com uma das atrizes caminhando no meio do tráfego com os pés acorrentados em direção à câmera, até que se liberta e sai de cena. Por fim, pintamos a bicicleta abandonada de branco, para chamar a atenção das pessoas que circulam no CDS e conseqüentemente para as questões que estamos tematizando. A última cena mantém a mesma concepção estética da primeira, um espaço aberto às interpretações e reflexões, uma mistura entre realidade e ficção, ciência e arte, razão e emoção. Com essa descrição e reflexão procuramos socializar o processo de produção do vídeo, assim como alguns elementos teóricos, expondo nossa perspectiva como autores, as dificuldades e possibilidades pedagógicas dessa experiência no contexto da mídia-educação, assim como nossos limites cinematográficos.

### Caminhos teóricos metodológicos: Mídia-Educação

Conforme expomos brevemente na introdução desse trabalho e em nossos objetivos, compreendemos que o processo formativo em mídia-educação deva ocorrer em três dimensões, que de acordo com Fantin (2006) são: a) educação com os meios, uma abordagem instrumental, caracterizado pela opção didática de se valer de recursos como a televisão, o cinema ou outros meios durante o processo de ensino aprendizagem; b) educação sobre os meios ou para as Mídias, perspectiva crítica de mídia-educação que objetiva, sobretudo a formação de sujeitos capazes de refletirem e atuarem na sociedade “através de uma leitura crítica ideológica das ciências sociais” (p. 86); e c) educação através dos meios, que prioriza o processo de produção midiática experimentada pelos educandos e educadores, enquanto processo coletivo de aprendizagem das linguagens dos meios de comunicação, de forma crítica e criativa. Essa última foi a dimensão mais explorada nessa pesquisa, enquanto laboratório experimental para subsidiar futuras práticas pedagógicas através dessa abordagem, em que:

(...) a mídia-educação é entendida no sentido de fazer educação através dos meios ou dentro das mídias, envolvendo também a área de formação profissional. Fazer mídia-educação nesta perspectiva significa utilizar as mídias como linguagem, como forma de expressão e produção, pois assim como não se aprende a ler sem aprender a escrever, não se faz mídia educação só com leitura crítica e uso instrumental das mídias, sendo necessário aprender a “escrever” com as linguagens das mídias (FANTIN, 2006, p. 86).

O contexto produtivo em meio à revolução digital é uma poderosa estratégia pedagógica no campo da mídia educação. Vídeo e internet fazem parte no mundo vivido das crianças e jovens do mundo inteiro, os professores que não se inserirem nesse contexto vão estar cada vez mais distantes da realidade de seus alunos. Conforme refleti Betti (1997), os professores de Educação Física devem enriquecer suas práticas pedagógicas utilizando a mídia como ferramenta, objeto de estudo e como produção sem aderir aos extremos apocalípticos daqueles que rejeitam a mídia em sua totalidade ou dos integrados que se encantam com os avanços tecnológicos e se esquecem de refletir sobre as possibilidades de abusos e barbáries que podem surgir a partir do

desenvolvimento tecnológico. De forma bastante sintética, foram esses conhecimentos do campo da mídia-educação que balizaram nosso trabalho nessa pesquisa.

### Filme etnográfico no mundo digital

Inspiramos-nos no trabalho de Jean Rouch (2003) e David MacDougall (2003) através de uma concepção de filme etnográfico para além de um meio passivo de documentação, e sim como um conhecimento construído capaz de possibilitar eventos e interpretações significativas sobre aquilo que se pesquisa. Para isso articulamos fatos reais com representações artísticas, tentando não ficar amarrado ao formalismo acadêmico e priorizando essas experiências como laboratório de aprendizagem. Desde *Nanook of the North* (1922) de Robert Flaherty que essa estratégia é utilizada como caminho científico, em que o olhar do cineasta pesquisador é considerado como parte do conhecimento construído. Nesse filme o autor reproduziu o modo de viver dos *Inuit*, através de imagens, música e elementos textuais que retratavam essa realidade, numa época em que aqueles hábitos já haviam sido extintos. “Graças a este método, próximo à etnografia de campo, Flaherty conseguiu produzir, muito bem, efeitos de uma realidade que levam o espectador a mergulhar na ‘vida real’” (JORDAN, 1995, p. 22).

Para Grimshaw (2001) o trabalho de Flaherty pode ser comparado ao de Bronislaw Malinowski (1978) que publicou no mesmo período a obra *Argonautas do Pacífico Ocidental*, considerado um marco na antropologia ao configurar os primeiros passos dos estudos de campo etnográficos. Ambos<sup>3</sup> promoveram a imersão do pesquisador na realidade pesquisada como elemento fundamental para descrever, interpretar e compreender o mundo vivido, afim de melhor representá-lo para a comunidade acadêmica e o público em geral. A partir da definição de Geertz (1978), que compreende a cultura como uma rede de significados, entendemos que o que caracteriza um filme etnográfico é a existência de uma pesquisa antropológica, sendo que o audiovisual não substitui a produção textual, mas a complementa. O filme etnográfico tornou-se objeto de diversos questionamentos desde sua origem, e comumente não era reconhecido como forma legítima de se produzir conhecimento científico. Sztutman (2004) da um exemplo:

O academicismo da Sorbonne, universidade na qual Rouch obteve seu título de doutor em etnologia em 1953, jamais aceitou o cinema na pauta de suas discussões. Claude Lévi-Strauss, evidente no cenário acadêmico na época, é um bom exemplo desse tipo de postura: o cinema é diversão, a antropologia é ciência (p. 51).

Nesse trecho, a autora cita o antropólogo-cineasta francês Jean Rouch, um dos nomes mais reconhecidos da antropologia visual. Rouch (2003) defendeu a relevância do audiovisual na pesquisa antropológica, principalmente através da compreensão conceitual de “cinema direto” e “antropologia compartilhada”, que significam a expressão de uma “verdade” particular (a do cinema) de determinada realidade e a construção coletiva (entre pesquisador e pesquisados) dessa verdade. Nesse contexto, o vídeo *PORQUEQUECHAVEAREMELALÍ?* é um produto aberto a múltiplas interpretações e

---

3 No primeiro caso os *Inuit* através dos recursos audiovisuais, e no segundo os nativos dos arquipélagos da Nova Guiné através da descrição e representação escrita.

pode ser compreendido como um convite à reflexão, onde o conhecimento é construído junto com a audiência. Os filmes etnográficos *Crônicas de Verão* de Jean Rouch em parceria com o sociólogo Edgar Morin e o *Homem com uma câmera na mão* do russo Dziga Vertov foram as principais influências fílmicas de nossa produção. Por fim, o antropólogo francês Marc-Henri Piault (2000) aponta outras novas possibilidades que exploramos, assim como algumas semelhanças sobre o que apresentamos sobre o contexto produtivo em Mídia-Educação:

O audiovisual constitui um novo campo de exploração, mais que um instrumento sofisticado intervindo no simples domínio da comunicação, por mais amplo que seja; ele define um sistema diferente de apreensão, de elaboração e de comunicação; abre ângulos inéditos de observação de uma realidade múltipla. (p. 62).

### Mobilidade Urbana

Segundo dados do IBGE: “O crescimento na produção de veículos automotores representa maior impacto na indústria geral no acumulado janeiro-novembro de 2007<sup>4</sup>”. Com a economia brasileira em crescimento, a tendência desses números é aumentar, e com eles os congestionamentos, a poluição e, sobretudo a má utilização dos espaços públicos através do “monopólio” automotivo relacionado à infra-estrutura modal. Diante desse quadro, propor o deslocamento de bicicleta é uma iniciativa repleta de desafios e contradições a serem superadas. Uma delas é a importância econômica dos transportes automotores, que abrange desde a extração do petróleo e minérios, à prestação de serviços associados a essa indústria, que segundo Ludd (2005) constituem um dos alicerces da economia mundial em contraste com os problemas sociais e ambientais causados pela mesma.

O amplo espectro dessas ligações econômicas significou que grandes e diversas partes da economia moderna se tornaram dependentes da produção de carro a tal ponto que a sua produção se transformou em um indicador econômico importante por seu próprio mérito. Como foi dito, ‘quando a General Motors espirra a América fica resfriada!’ (p. 91).

De acordo com Ferrari (2008), a relação entre o ciclista e a bicicleta constituem uma unidade que desencadeia transformações tanto em sua própria estrutura como no meio, e isso não se reduz apenas ao plano material de sua biologia ou mudanças físicos espaciais. Ao escolher a bicicleta enquanto meio de transporte, o ser humano conquista um grau de autonomia superior a qualquer outro veículo motorizado, se considerarmos o consumo de energia, os custos, o espaço ocupado, os benefícios orgânicos e as possibilidades de interações e aproximações com o caminho que percorrem, facilitando a socialização e o reconhecimento de pertença ao local em que vivem. Consideramos as dificuldades, perigos e problemas associados a utilização da bicicleta

---

4 Estatísticas sobre o mercado e a indústria automobilística no ano de 2007. [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_impresao.php?id\\_noticia=1067](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=1067), acessado em 01/05/2008



como meio de transporte, porém optamos pela defesa e promoção da mesma através da avaliação positiva dos prós em relação aos contras dessa opção de mobilidade urbana. Pedalem!

O ser humano se move com eficácia sem ajuda de nenhum implemento. Caminhando, cria sua rota. A locomoção de cada grama de seu corpo ou de sua carga, sobre cada quilômetro percorrido em dez minutos, lhe consome 0,75 caloria. Comparando-o a uma máquina termodinâmica, o ser humano é mais rentável que qualquer veículo motorizado, que consome pelo menos quatro vezes mais calorias no mesmo trajeto. Além disso, é mais eficiente que todos os animais de peso parecido (LUDD, p. 63, 2005).

### Considerações finais

O vídeo está disponível no endereço eletrônico <http://www.cicloviagem.org/video04.html> para que seja utilizado, reproduzido ou modificado por qualquer pessoa, desde que não seja para fins comerciais. Alcançamos nossos objetivos de produzir e tornar público um conhecimento com fins críticos pautados pelo esclarecimento e emancipação. Em nossas reflexões apontamos alguns elementos que podem contribuir com a formação profissional do educador, assim como auxiliamos aqueles que se identificam com o tema a utilizar o contexto produtivo em mídia-educação em suas práticas pedagógicas nas aulas de educação física. Esses são modestos passos num caminho longo repleto de desafios, dúvidas e contradições, mas que podem contribuir com um projeto de sociedade efetivamente democrático no campo da Educação Física, Comunicação e Mobilidade Urbana.

O “mundo digital” e a “ditadura simbólica do automóvel” são realidades que não devem ser negligenciadas, as questões que apresentamos são complexas e são dignas de um esforço coletivo, se o interesse em construir um mundo mais humano for legítimo, seja ele digital ou não. Mergulhamos na realidade para alcançar a maturidade necessária para transformar nossa cultura no campo da educação, comunicação e da mobilidade urbana, no sentido de melhor compreender esses desdobramentos da Indústria Cultural e apontar caminhos para superar as contradições dessa lógica, em busca da formação de sujeitos críticos capazes de ler e transformar nossa sociedade. Citando Ferrés (1996), para ressaltar as necessidades de aprofundamento e cautela em nossas reflexões e práticas no campo da mídia-educação, aproveitamos para pontuar nossa atitude nesse movimento permanente de luta e aprendizagem.

A atitude mais adequada é a aceitação crítica, o equilíbrio entre o otimismo ingênuo e o catastrofismo estéril, um equilíbrio que assuma a ambivalência do meio, as suas possibilidades e limitações, as suas contradições externas. (FERRÉS, p. 181, 1996)

Enfim, essas reflexões e experiências aqui relatadas, em conjunto com o vídeo produzido e socializado na internet fazem parte de uma proposta multidisciplinar que pode servir como suporte para novos diálogos, práticas e produções no campo da

Educação Física. Esperamos que esse trabalho contribua com a formação profissional em Educação Física, especialmente através da Mídia-Educação, Antropologia e Mobilidade Urbana, e que seja aceito como um possível suporte reflexivo para se criar políticas públicas que promovam o uso da bicicleta como meio de transporte e a inserção das questões midiáticas no ensino formal e informal no Brasil.

#### Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1985.

BETTI, Mauro. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. 1997. 290 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

BIANCHI, Paula. *FORMAÇÃO CONTINUADA EM MÍDIA-EDUCAÇÃO (FÍSICA): AÇÕES COLABORATIVAS NA REDE MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS/SC*. 2009. Dissertação (mestrado em Educação Física) - Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

FANTIN, Mônica. *Mídia-Educação: Conceitos, experiências, diálogo Brasil-Itália*. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FERRARI, Rodrigo D. *CICLOPOIESIS – UMA REFLEXÃO SOBRE O MOVIMENTO HUMANO, A BIOLOGIA DO CONHECER E DO AMAR*. Monografia apresentada na faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

FERRARI, Rodrigo D.; CARDOSO, Carlos Luis. *CICLOPOIESIS – reflexões sobre o se movimentar de bicicleta e a obra de Maturana*. Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, 4, Anais... Faxinal do Céu - Pinhão/PR: CBCE, setembro/2008.

FERRÉS, JOAN. *Vídeo e educação*. Porto Alegre: Artmed, 1996

GEERTZ, Cliford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GRIMSHAW, Anna. *The Ethnographers Eye*. Cambridge University. 2001.

HEHLEY, Paulo. *Cinematografia e pesquisa etnográfica*. In *Cadernos de Antropologia e Imagem / Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Núcleo de Antropologia e Imagem – N. I.* - 1995.

JORDAN, Pierre. "Primeiros contatos, primeiros olhares". *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro, NAI/UERJ, 1995 (1).

LOREIRO, Miguel, L. *Os arquivos globais de vídeo na Internet: entre o efêmero e as novas perenidades. O caso YouTube*. *Revista Comunicação e Sociedade*, vol. 12, pp. 163-172, 2007.

LOUREIRO, Robson. Da Teoria Crítica de Adorno ao Cinema Crítico de Kluge: educação, história e estética. Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

LUDD, Ned. Apocalipse motorizado: a tirania do automóvel em um planeta poluído. Trad. Leo Vinicius; ilustrações de Andy Singer. 2. ed. rev. -- São Paulo : Conrad Editora do Brasil, 2005.

MENDES, Diego Souza. LUZ, CÂMERA E PESQUISA-AÇÃO: a inserção da Mídia Educação na formação contínua de professores de Educação Física. 2008. Dissertação (mestrado em Educação Física) - Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do pacífico ocidental. São Paulo, Abril Cultural, coleção Os Pensadores. 1978.

MACDOUGALL, David. The Subjective Voice in Ethnographic Film. In. HOCKINGS, Paul. Principals of Visual Anthropology. New York, 2003.

OROFINO, MARIA ISABEL. Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

PIAULT, M. H. Antropologie et cinéma, Paris, Nathan Cinéma. 2000. Tradução desconhecida.

PIRES, Giovanni De Lorenzi. Educação Física e o Discurso Midiático: Abordagem crítico emancipatória. jui: Unijuí, 2002.

PIRES, G. L; RIBEIRO, S. D. D. A Indústria Cultural, Esporte e Mídia: faces ocultas do poder simbólico. In: Congresso Sul Brasileiro de Ciências do Esporte, 2004, Criciúma-SC. 2º Congresso Sul Brasileiro de Ciências do Esporte, 2004.

SILVEIRA, S. A. Convergência digital, diversidade cultural e esfera pública. In: PRETTO, Nelson De Luca. Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008.

ROUCH, Jean. The camera and man. In. HOCKINGS, Paul. Principals of Visual Anthropology. New York, 2003.

SZTUTMAN, Renato. Jean Rouch um antropólogo-cineasta. In BARBOSA, A. Escrituras da Imagem. São Paulo. 2004.

WOLTON, DOMINIQUE. Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias. P. Alegre: Sulina, 2003.

O título do filme surgiu a partir da pergunta de uma das pessoas entrevistadas: Porque que “chavearam” ela (bicicleta) alí? Optamos por escrever a pergunta sem espaços para fazer referencia ao sotaque “manezinho” das pessoas que nasceram em Florianópolis.

Rodrigo Duarte Ferrari – [jabuticascudo@yahoo.com.br](mailto:jabuticascudo@yahoo.com.br)

Recursos para apresentação – Data Show com áudio.

